



**UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE**

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

LICENCIATURA EM PSICOLOGIA SOCIAL E COMUNITÁRIA

MONOGRAFIA

**Análise da Influência dos Valores Culturais na busca pelo Atendimento Integrado pelo
Homem Vítima de Violência Doméstica no CAIVV - Ndlavela**

Edna Cesarina Alimone Mahagaja

Maputo, Junho de 2024



**UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE**

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

LICENCIATURA EM PSICOLOGIA SOCIAL E COMUNITÁRIA

MONOGRAFIA

**Análise da Influência dos Valores Culturais na busca pelo Atendimento Integrado pelo
Homem Vítima de Violência Doméstica no CAIVV – Ndlavela**

Centro de Atendimento Integrado às Vítimas de Violência - Centro de Saúde de Ndlavela

Edna Cesarina Alimone Mahagaja

Supervisor: Lic. Moisés Melo Cassilote

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia como requisito final para a obtenção
do grau de Licenciatura

Maputo, Junho de 2024

Declaração de originalidade

Esta monografia foi julgada suficiente como um dos requisitos para a obtenção de grau de Licenciatura em Psicologia Social e Comunitária e aprovada na sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Psicologia Social e Comunitária, Departamento de Psicologia, da Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane.

Director do Curso: _____

(Lic. Francisco Cumaio)

Presidente do júri: _____

(Msc. Alcídio Cumbe)

Examinadora: _____

(Msc. Stella Langa)

Supervisor: _____

(Lic. Moisés Cassilote)

Agradecimentos

Primeiramente, quero expressar minha sincera gratidão a Deus pelo dom da vida e pelos Seus incontáveis benefícios.

Aos meus pais, Alimone Mahagaja e Victorina Moisés, estes que mesmo diante da separação, se uniram em um esforço conjunto para me apoiar incondicionalmente, suas palavras de incentivo, conselhos sábios e amor contínuo foram uma bússola que me guiou nos momentos desafiadores.

Aos meus avós maternos, Augusto Moisés e Anatiane Muandula, minha eterna gratidão, criaram-me com amor, dedicando tempo e esforço para moldar não apenas o meu carácter, mas também o meu caminho acadêmico. Cada palavra de sabedoria de vocês é um tesouro que carregarei para sempre em meu coração.

Aos meus irmãos, Mateus, Maria, Owen e Yasmine, agradeço por seus gestos de encorajamento, compreensão e paciência. Este momento não seria completo sem reconhecer os meus amigos, Cláudio Nhachengo, Sarifa Jacqueline, Rachel Zacarias e Elisabete Zevo, em cada desafio, vossa presença foi um lembrete poderoso de que não estou sozinha. Aos meus colegas de classe, Milton Gentil, Vanila Novela e Ivone Vitorino, cada conversa, colaboração e troca de ideias contribuíram significativamente para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

Ao meu supervisor, Lic. Moisés Cassilote, por compartilhar conhecimento, paciência e sabedoria ao longo desta jornada acadêmica. Suas orientações foram bússolas que me guiaram na busca pelo saber.

A todos os profissionais do Centro de Atendimento Integrado às Vítimas de Violência, pela recepção calorosa e pelo suporte, e a todos os participantes da pesquisa, que humildemente colaboraram em expressar suas opiniões e experiências.

A todos que, de alguma forma, compartilharam este percurso comigo, o meu mais profundo agradecimento. Este trabalho não é apenas meu, mas de uma rede de apoio extraordinária que tornou possível alcançar este marco.

Dedicatória

Àqueles que moldaram os alicerces dos meus sonhos e caminharam comigo por cada capítulo da minha vida, dedico este trabalho a vocês, meus amados pais, Alimone Mahagaja e Victorina Moisés. Mesmo diante dos desafios e da separação que a vida nos impôs, vocês permaneceram unidos pelo vínculo inquebrável do amor parental.

Mãe, sua força resiliente e seu coração acolhedor, apesar da doença mental que enfrenta, foram minha inspiração constante. Seu apoio incansável e sua sabedoria guiaram-me nos momentos mais difíceis. Pai, seu comprometimento e suporte constante foram faróis orientadores em minha jornada. Juntos, vocês formam a base sólida sobre a qual construí meus sonhos e conquistas.

Declaração de honra

Declaro por minha honra que esta monografia nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau académico e que a mesma constitui o resultado do meu labor individual, estando indicados ao longo do texto e nas referências bibliográficas todas as fontes utilizadas.

(Edna Cesarina Alimone Mahagaja)

Maputo, Junho de 2024

Índice

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	1
1.1. Formulação do problema	2
1.2. Objectivos da pesquisa.....	3
1.3. Perguntas de pesquisa	3
1.4. Justificativa do estudo.....	4
CAPÍTULO II: REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1. Violência doméstica.....	5
2.2. Valores culturais	5
2.3. Violência doméstica contra homens	6
2.4. Formas de exercício de violência doméstica	6
2.5. O atendimento integrado às vítimas de violência doméstica	7
2.6. Os valores a respeito dos papéis do homem e da mulher no contexto sociocultural moçambicano	8
2.7. Teoria de base	9
2.7.1. O patriarcado na perspectiva sociológica de Heleieth Saffioti	9
CAPÍTULO III: METODOLOGIA	11
3.1. Descrição do local do estudo	11
3.2. Abordagem metodológica.....	11
3.3. População, amostra e amostragem.....	12
3.4. Técnicas de recolha e análise de dados.....	12
3.5. Questões éticas.....	13
3.6. Limitações do estudo	13
CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	14
4.1. Apresentação dos dados sociodemográficos.....	14
4.2. Primeiro objectivo: identificar os principais desafios que os homens podem enfrentar ao lidar com a violência doméstica.....	14

4.3. Segundo objectivo: descrever o papel dos valores culturais nas relações interpessoais e na percepção da violência doméstica contra homens	17
4.4. Terceiro objectivo: apresentar as possibilidades de intervenção em casos de violência doméstica contra homens	21
CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	24
5.1. Conclusões	24
5.2. Recomendações.....	24
Referências bibliográficas.....	26
Apêndices.....	28
APÊNDICE I: GUIÃO DE ENTREVISTA	28
APÊNDICE II: TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	30

Resumo

A violência doméstica contra homens é uma realidade muitas vezes silenciada e pouco explorada. O presente estudo analisa a influência dos valores culturais na busca pelo atendimento integrado pelo homem vítima de violência doméstica no Centro de Atendimento Integrado (CAI) às vítimas de violência, de Ndavela. O estudo foi de natureza qualitativa, tendo recorrido à entrevista estruturada como instrumento de recolha de dados. Participaram no estudo quatro homens, utentes do CAI de Ndavela, com recurso à amostragem não probabilística por acessibilidade. As informações foram analisadas utilizando a técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977). Os resultados destacaram a persistência de estereótipos de género que desencorajam homens agredidos a procurarem ajuda, alimentando a ideia de que a masculinidade está ligada à invulnerabilidade. Propõe-se, como solução, estratégias de conscientização que respeitem os valores culturais locais, incluindo campanhas educativas e palestras. Essas abordagens visam desafiar normas prejudiciais, promovendo uma compreensão mais ampla da violência doméstica e incentivando homens a superar o estigma associado à busca de ajuda.

Palavras-chave: violência doméstica contra homens, atendimento integrado, valores culturais

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

O presente estudo visa analisar a influência dos valores culturais na busca pelo atendimento integrado pelo homem vítima de violência doméstica, para melhor subsidiar as intervenções educativas na comunidade, e áreas afins, em cumprimento dos requisitos parciais para a obtenção do grau de Licenciatura em Psicologia Social e Comunitária (PSC) pelo Departamento de Psicologia da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Eduardo Mondlane (UEM). O trabalho foi desenvolvido no período de Setembro de 2022 a Março de 2024.

Geralmente, a discussão e o enfoque da violência doméstica têm se centrado nas mulheres como vítimas e os homens como agressores. No entanto, há uma crescente conscientização de que a violência não é exclusiva de um género, tal como explica Cabral (2018) citando Hines e Dunning (2007), os homens também podem ser vítimas de violência doméstica. A violência doméstica também é cometida por mulheres com frequência e fora do contexto de autodefesa. Esta monografia visa explorar a intersecção entre a violência doméstica contra homens e os valores culturais que permeiam essa questão.

Os valores culturais moldam as percepções colectivas sobre comportamentos aceitáveis, relações interpessoais e dinâmicas familiares. Ao investigar a violência doméstica contra homens, é imperativo considerar como esses valores culturais influenciam a percepção, resposta e o tratamento desse fenómeno muitas vezes invisibilizado, pois, em conformidade com Neto (2002), embora na nossa sociedade o sexo masculino seja geralmente mais agressivo, em alguns casos as mulheres podem ser tão agressivas como os homens.

Esta monografia não busca apenas destacar a violência doméstica contra homens, mas também examina como os valores culturais podem afectar a forma como essa violência é percebida, relatada, tratada e prevenida. A pesquisa pretende contribuir para um entendimento mais abrangente e sensível dessa questão, reconhecendo que a análise da violência doméstica deve transcender fronteiras de género e incluir todos os segmentos da população afectada por essa realidade.

A estrutura desta monografia seguirá o seguinte percurso: capítulo I (onde são abordados os elementos introdutórios do trabalho, como a contextualização, a problematização, são apresentados de igual modo os objectivos da pesquisa e a justificativa da escolha do tema); capítulo II (discussão baseada na revisão bibliográfica das palavras-chave que orientam a

pesquisa); capítulo III (onde é apresentada a metodologia e os instrumentos usados para a recolha de dados); capítulo IV (é feita a descrição, apresentação e análise dos dados recolhidos no campo); capítulo V (são expressadas as principais conclusões do trabalho e as recomendações) e por fim é apresentada a bibliografia consultada e os apêndices.

1.1. Formulação do problema

A família transmite ao sujeito seus valores, crenças e regras formando uma identidade familiar que auxilia na formação da identidade do indivíduo, além disso, ele aprende também expectativas sobre como deve ser e agir um marido e uma esposa. Essa aprendizagem irá contribuir com a determinação de papéis de género que tanto o homem bem como a mulher devem desempenhar no contexto social, familiar e conjugal (Neto, 2002).

O homem é visto como o socialmente privilegiado, o detentor de força e poder, provedor e chefe de família (Monteiro, 2012 citando Marodin, 2000). No entanto, apesar dos valores transmitidos sobre como o homem deve ser e agir, sendo atribuído uma imagem positiva, de liderança e força, esse mesmo homem pode se encontrar em situação de vulnerabilidade e fragilidade. A violência doméstica contra homens é uma realidade que não pode ser ignorada, pois, os homens não são apenas agressores e as mulheres vítimas, os homens também podem ser vítimas de violência doméstica. O problema existe, e não pode ser silenciado.

Geralmente, a violência doméstica tem sido considerada como um crime perpetrado exclusivamente pelo género masculino e o género feminino como vítima. Isto é, a mulher é tida como a principal vítima de violência pelos homens, e estes por sua vez, são os principais perpetradores de violência contra a mulher, no entanto, com as fortes redefinições do papel social da mulher, não se pode atribuir a exclusividade deste acto ao homem (Come, 2019; citando Bourdieu, 1994).

Na visão de Romão, Fiosse e Antunes (2012) a vítima de violência doméstica não costuma ser vítima só na área física, ou económica ou ainda psicológica, entre outras, pode sofrer as várias formas de violência combinadas. Por isso, quando a vítima se dirige à uma Unidade Sanitária, não se pode tratar apenas a parte física, devendo tratar a pessoa violentada com muita empatia e prestar apoio psicológico, necessitando assim de um atendimento multisectorial ou integrado, isto é, que abrange o tratamento médico, psicológico e jurídico.

De acordo com os mesmos autores, num esforço de continuidade de estabelecimento de condições padronizadas de atendimento à mulher vítima de violência, o governo moçambicano criou o Mecanismo Multisectorial de Atendimento Integrado à mulher Vítima de Violência, visando gerar e orientar uma resposta nacional e integrada à violência praticada contra a mulher em Moçambique. As mulheres vítimas de violência constituem o grupo alvo de referência do Mecanismo, todavia, o mesmo não impede o reconhecimento e tratamento dos homens atingidos pela violência nos serviços oficiais.

O Centro de Atendimento Integrado (CAI) serve como uma das portas de entrada ao atendimento integrado às vítimas de violência. O Centro de Atendimento Integrado às Vítimas de Violência de Ndlavela está localizado no Centro de Saúde de Ndlavela, no bairro com a mesma designação, na cidade da Matola, e recebe 5 vítimas por dia, em média.

Nessa perspectiva, a investigadora busca resposta à seguinte pergunta: Que influência têm os valores culturais na busca pelo atendimento integrado pelo homem vítima de violência doméstica no CAIVV de Ndlavela?

1.2. Objectivos da pesquisa

Objectivo geral:

- Analisar a influência dos valores culturais na busca pelo atendimento integrado pelo homem vítima de violência doméstica no Centro de Atendimento Integrado às vítimas de violência de Ndlavela.

Objectivos específicos:

- Identificar os principais desafios que os homens podem enfrentar ao lidar com a violência doméstica;
- Descrever o papel dos valores culturais nas relações interpessoais e na percepção da violência doméstica contra homens;
- Apresentar as possibilidades de intervenção em casos de violência doméstica contra homens.

1.3. Perguntas de pesquisa

- Quais são os principais desafios que os homens podem enfrentar ao lidar com a violência doméstica?

- Qual é o papel dos valores culturais nas relações interpessoais e na percepção da violência doméstica contra homens?
- Que possibilidades de intervenção podem se realizar em casos de violência doméstica contra homens?

1.4. Justificativa do estudo

A pesquisa sobre violência doméstica contra homens e seus vínculos com os valores culturais é de extrema importância devido à necessidade de compreender e abordar de forma abrangente um aspecto, muitas vezes, negligenciado. A pesquisadora sempre teve interesse na leitura de artigos relacionados à violência doméstica, dessa leitura, a mesma constatou que as discussões sobre violência doméstica têm se centrado nas mulheres como vítimas e os homens como agressores, porém, homens também podem ser vítimas de violência doméstica, e a influência dos valores culturais sobre esse fenômeno é um tópico que merece uma análise aprofundada.

Do ponto de vista científico, embora haja uma crescente conscientização sobre a violência doméstica contra homens, a pesquisa acadêmica e a literatura sobre esse tema ainda são limitados. Esta monografia tem o potencial de preencher uma lacuna importante na compreensão das experiências dos homens como vítimas de violência doméstica.

Ao investigar a violência doméstica contra homens e como os valores culturais moldam as percepções e as respostas face a esse fenômeno, será de grande relevância para a sociedade, na medida em que contribuirá para uma compreensão das dinâmicas de poder, controle e abuso nas relações íntimas, promovendo dessa maneira a igualdade de gênero e uma maior conscientização sobre a influência desses valores nas percepções individuais e nas respostas institucionais a essa questão, o que é fundamental não só para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção mais eficazes às necessidades de todos os indivíduos afetados, bem como para a formulação de políticas públicas mais inclusivas e abrangentes, que levem em consideração as experiências variadas das vítimas e as complexidades culturais, garantindo o respeito pelos direitos humanos de todos os indivíduos.

CAPÍTULO II: REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Violência doméstica

Com base em Come (2019) citando Machado e Gonçalves (2003), considera-se violência doméstica qualquer acto, conduta ou omissão que sirva para infligir com intensidade, sofrimentos físicos, sexuais, mentais ou económicos, de modo directo ou indirecto (ameaça, engano, coacção ou qualquer outro meio) a qualquer pessoa que habite no mesmo agregado doméstico privado (crianças, jovens, mulheres adultas, homens adultos e idosos) ou que não habitando no mesmo agregado doméstico privado que o agente da violência, seja cônjuge ou ex-companheiro marital.

É aquela que ocorre em casa, no ambiente doméstico ou em uma relação de familiaridade, afectividade ou coabitação (INE, 2018).

A violência doméstica constitui em agressões, verbal, física e psicológica, que são cometidas por um membro da família ou pessoa que tenha habitado no mesmo domicílio. A violência doméstica é caracterizada por violência física, psicológica, sexual e mais, entre pessoas que vivem juntas, como é o caso de parceiros íntimos, pais e filhos, irmãos, entre outros.

2.2. Valores culturais

Constituem crenças aceites pela comunidade e que estabelecem as normas de comportamento dos seus membros, na relação entre si, com os outros e com o meio em que vivem, visando atingir a harmonia da sociedade (Mataruca, 2011).

Os valores representam categorias de necessidades universais básicas dos grupos. Os indivíduos tornam-se capazes de compreender e compartilhar metas ou valores numa construção de valores predominantes nos grupos sociais através da socialização. São crenças duradouras que permanecem em estados ou comportamentos desejáveis, e guiam a seleção de comportamentos e eventos. Os valores orientam comportamentos, realização de actividades, resolução de conflitos e tomada de decisões (Schwartz, 2006; citado por Come, 2017).

Tanto Mataruca (2011), bem como Schwartz (2006), seguem a mesma linha de pensamento no que concerne a definição de valores culturais. De facto, os valores culturais referem-se a crenças, princípios, normas e padrões compartilhados por um grupo de pessoas dentro de uma sociedade ou comunidade. Eles moldam a maneira como os indivíduos percebem o mundo, interagem uns com os outros e tomam decisões. Valores culturais são transmitidos de geração

em geração e desempenham um papel fundamental na formação da identidade de um grupo e na definição de suas práticas sociais e comportamentos.

2.3. Violência doméstica contra homens

Para Zuleta (2006) citado por Cabral (2018) a literatura descreve como desconhecido o tema sobre violência doméstica contra homens, sustentando este acontecimento aos sentimentos de vergonha e medo face a esta condição e simultaneamente demonstra relutância ao pedido de ajuda oferecido por mediadores.

A violência doméstica também é cometida por mulheres com frequência e fora do contexto de autodefesa, pese embora o facto de as taxas de agressão serem maiores quando praticadas pelos homens. Estudos indicam que os homens têm suportado experiências de desalento ao constatarem como os serviços e instituições de apoio às vítimas de violência doméstica se organizam ao acolherem esta situação (Cabral, 2018; citando Hines & Dunning, 2007).

Violência doméstica contra homens é um problema que muitas vezes é subestimado e pouco discutido na sociedade, embora seja uma realidade para muitos homens em todo o mundo. Assim como as mulheres, os homens também podem ser vítimas de diferentes formas de violência por parte de parceiros íntimos ou membros da família. Isso pode incluir violência física, psicológica, sexual, e mais.

2.4. Formas de exercício de violência doméstica

Segundo Mejía *et al* (2004) citado por N'weti (2006), a violência doméstica pode assumir diversas formas, a destacar:

- Violência física é o uso da força que provoca dano físico ou atente contra a integridade física da vítima.
- Violência verbal diz respeito ao recurso às palavras ofensivas, discriminação e críticas com o objectivo de destruir a autoestima.
- Violência psicológica é o uso de actos, condutas, omissões ou exposição a situações que alterem ou possam alterar o estado afectivo necessário para o desenvolvimento psicológico normal, tais como: insultos, ameaças, humilhações e isolamento.
- Violência sexual refere-se à toda actividade dirigida à realização de actos sexuais contra a vontade, esta vai desde qualquer tipo de contacto sexual não desejado até a intenção de violar ou a própria violação.

- Violência económica é o controlo e limitação de recursos económicos e acções que impedem o acesso aos bens e serviços.
- Violência social são actos e comportamentos que limitam relações sociais e familiares, que isolam a vítima e não lhe permitem a utilização de redes de apoio.

As formas de exercício de violência doméstica são várias, e a diferença entre as mesmas, sendo elas de ordem física e psicológica, é que ambas estão envolvidas em actos de agressão. A primeira está associada a agressão corporal enquanto a segunda decorre de palavras, gestos, olhares dirigidos, e mais, conforme explicam Silva et al (2009) citados por Dotoli e Leão (2015). A violência física é uma das formas mais notificadas, considerada qualquer conduta que venha a ofender a integridade física, ou ainda a saúde corporal da vítima. Já a violência psicológica, causa dano emocional, diminuição da autoestima da vítima, prejudicando assim o seu pleno desenvolvimento.

2.5. O atendimento integrado às vítimas de violência doméstica

Na visão de Romão *et al* (2012) o atendimento integrado permite que as vítimas de violência recebam os cuidados quando precisam, de forma amigável, obtenham os resultados desejados, assegurando a uniformização da assistência tendo em conta não só o trauma físico mas também o trauma psicológico e os aspectos legais de modo a reduzir o impacto físico e mental desta experiência traumática, e ser baseada na aplicação de princípios éticos e de respeito aos direitos das pessoas atingidas por violência. Seja qual for a primeira instituição onde as vítimas se dirigem, pelo já exposto, elas desenvolvem problemas sérios de saúde, os quais se cronificam se o atendimento não for integrado, ou seja, se não incluir as três dimensões: o tratamento físico, emocional/psicológico e médico-legal.

Ainda segundo os mesmos autores, o atendimento integrado funciona para melhoria da qualidade no atendimento a partir da definição de procedimentos básicos que visem o respeito a pessoa atingida por violência e uma melhor resposta aos seus problemas e necessidades; elaboração de guiões únicos de atendimento para todos os profissionais e instituições envolvidas; e institucionalização de recolha e análise de dados, com base em fichas uniformizadas. A vítima beneficia-se de um atendimento que começa com o tratamento médico, psicológico e médico-legal, o qual preenche a ficha única. O tratamento integral impõe que as vítimas sejam atendidas por uma multiplicidade de profissionais, não só na Saúde, mas também na Assistência Social, na Polícia e nos tribunais.

O atendimento integrado às vítimas de violência doméstica é uma abordagem que visa oferecer suporte holístico e abrangente às pessoas que enfrentam situações de violência dentro de seus lares. Essa abordagem reconhece a complexidade da violência doméstica e busca oferecer serviços coordenados e complementares para garantir a segurança, o bem-estar emocional, físico e psicológico das vítimas.

2.6. Os valores a respeito dos papéis do homem e da mulher no contexto sociocultural moçambicano

Com base em Neto (2002) uma parte importante do processo de maturação tem a ver com o desenvolvimento de crenças, atitudes e de valores a respeito dos direitos, papéis e responsabilidades de mulheres e de homens. As ideologias tradicionais defendem que os homens são mais importantes que as mulheres e é apropriado que o homem domine a mulher, em contrapartida, as ideologias modernas apresentam uma perspectiva mais igualitária, em que homens e mulheres são igualmente importantes e rejeita-se a dominação de um gênero por outro.

Na aprendizagem de gênero em diferentes culturas, são incentivadas determinadas diferenças comportamentais entre os gêneros. A cultura ajuda a clarificar o que é apropriado para os homens e para as mulheres. A existência de diferenças na reprodução suscita diferenças que levam a uma divisão do trabalho. Uma pessoa tem de cuidar dos filhos, ao passo que uma outra tem de procurar alimentos para a família. Essas diferenças suscitaram toda uma gama de diferenças de traços psicológicos e de comportamentos tais como agressividade, conformidade, entre outros (Berry & colegas citados por Neto, 2002).

De acordo com Maúgue (2020) citando Casimiro (2004), os aspectos socioculturais e da tradição moçambicana que definem o posicionamento do homem e da mulher são os sistemas de organização familiar, nomeadamente patrilinear (Sul do país) e matrilinear (Norte e Centro do país). Estes sistemas ditam as formas como os homens e as mulheres são socializados e conseqüentemente as posições de cada um na sociedade. Em ambos sistemas, as posições das mulheres eram baseadas na submissão aos membros masculinos (marido e seu pai ou irmão) e não se esperava que as mulheres participassem activamente na tomada de decisões no agregado familiar, esta era uma função apenas do homem, como o único detentor de poder na família, enquanto as mulheres ficam encarregadas das tarefas domésticas e educação dos filhos.

Tal como explica Minayo (2005) o masculino é investido significativamente com a posição social de agente do poder de violência, havendo historicamente uma relação directa entre as concepções vigentes de masculinidade e o exercício do domínio de pessoas, das guerras e das conquistas. Contudo, há que ressaltar que não se pode olhar para o homem como o único agente de violência, é real que em muitos dos casos de violência doméstica reportados, as mulheres aparecem como as vítimas, e os homens como os agressores, todavia, há também casos de homens que sofrem violência doméstica, há casos em que a mulher não é a vítima, mas sim a agressora, notando-se a realidade da violência doméstica contra os homens, facto que precisa ser considerado, da mesma forma que a violência doméstica contra as mulheres.

2.7. Teoria de base

O instrumental teórico que serviu como guia para espelhar a realidade social que está em causa neste trabalho constitui o patriarcado na perspectiva sociológica de Heleieth Saffioti.

2.7.1. O patriarcado na perspectiva sociológica de Heleieth Saffioti

De acordo com Saffioti (2015) o patriarcado é um conjunto de relações sociais que tem base material e no qual há relações hierárquicas entre os homens, que os habilitam a controlar as mulheres. O patriarcado não se restringe a uma relação homem-mulher, em espaço privado, o patriarcado não abrange apenas a família, mas, atravessa a sociedade como um todo. O homem aprende a controlar pela vivência e aprendizagem das relações hierárquicas que se estabelecem entre os homens.

O termo patriarcado designa uma estrutura de poder que reflete a ideologia machista, a qual favorece a dominação-exploração exercida pelos homens sobre as mulheres que prima pela desigualdade e assimetria de poder entre os géneros. O poder é desigual sempre que uma das partes pode alterar as condições de vida da outra, de modo que essa alteração produza benefícios para uma das partes e prejuízos para a outra (Saffioti, 2015).

Em conformidade com Saffioti (2015) citado por Nicolodi e Heinziker (2021) o desequilíbrio de poder pode se instalar quando as mulheres são educadas para desenvolver comportamentos apaziguadores, ao contrário dos homens que são estimulados a desenvolver condutas agressivas, que revelem força e coragem. Aos homens, sempre lhes coube prover as necessidades materiais da família. Não utilizar o termo patriarcado acaba sendo uma maneira de distrair a atenção sobre o real problema da desigualdade de poder e que pode tornar invisíveis as contingências vigentes nessa organização social.

Na visão de Gimenez e Hahn (2018) citando Shaffioti (2015) o patriarcado é uma estrutura de dominação masculina que perpassa toda a sociedade, de natureza hierárquica e que se afirma social e culturalmente, naturalizando dessa maneira a violência. O sistema patriarcal traz em si uma contradição de interesses. Os homens têm interesse de manter o status enquanto as mulheres têm interesses pela igualdade social.

A expressão violência doméstica costuma ser empregada como sinónimo de violência familiar e não tão raramente também de violência de género, esta, teoricamente, engloba tanto a violência de homens contra as mulheres quanto a de mulheres contra homens (Saffioti, 2015).

CAPÍTULO III: METODOLOGIA

Nesta parte do trabalho é apresentada a metodologia que norteou a materialização dos objectivos da pesquisa e de acordo com Fonseca (2002) citado por Gerhardt e Silveira (2009) metodologia é o estudo da organização dos caminhos a serem percorridos para se realizar uma pesquisa ou estudo, ou para se fazer uma ciência.

3.1. Descrição do local do estudo

De acordo com os relatos dos profissionais do CAI, o Centro de Atendimento Integrado às Vítimas de Violência de Ndlavela está localizado no Centro de Saúde de Ndlavela, no bairro com a mesma designação, na cidade da Matola. Foi inaugurada a 28 de Março de 2014, e até o presente momento é o único CAI na Matola. Os serviços disponibilizados são de Polícia, Saúde e Justiça, portanto, é composto por diversos profissionais, a referir: 2 agentes da Polícia, 2 do Instituto do Patrocínio e Assistência Jurídica (IPAJ), 2 da Acção Social, 1 Técnico Administrativo, 1 Psicólogo e Médicos. Em média, o CAI recebe 5 vítimas por dia.

3.2. Abordagem metodológica

Do ponto de vista da sua natureza, a presente pesquisa é aplicada, que segundo Prodanov e Freitas (2013), objectiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Relativamente à forma de abordagem do problema, a pesquisa é qualitativa, pois, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009) não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento de um grupo social, ou de uma organização e na visão de Gil (2008) o uso da mesma propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenómeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contacto directo com a situação estudada, buscando-se o que é comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.

Ao nível dos seus objectivos a pesquisa é exploratória, pois, envolve uma análise mais aprofundada de uma área pouco estudada uma vez que busca compreender um fenómeno específico, a busca pelo atendimento integrado por homens vítimas de violência doméstica. Na visão de Gil (2008), as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De acordo com o mesmo autor, este tipo de pesquisa é o mais adequado para ciências sociais como é o caso da psicologia. Do ponto de vista dos procedimentos, trata-se de um estudo de caso, que para

Prodanov e Freitas (2013) consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto de pesquisa.

3.3. População, amostra e amostragem

No presente estudo foi usada a amostragem não probabilística por acessibilidade, que com base em Gil (2008) não apresenta fundamentação matemática ou estatística, dependendo unicamente de critérios do pesquisador, constitui o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem, o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma representar o universo. Este tipo de amostragem apresenta algumas vantagens, sobretudo, no que refere ao custo e ao tempo despendido.

Dessa forma, a população da pesquisa foram os utentes do sexo masculino, do CAI às Vítimas de Violência de Ndlavela e a amostra foi de 04 indivíduos do sexo masculino, que sofreram violência doméstica. As características principais desta amostra são: homens com idade superior a 20 anos, utentes do CAI às Vítimas de Violência de Ndlavela, que tenham sofrido violência doméstica.

3.4. Técnicas de recolha e análise de dados

Como técnica de recolha de dados, foi realizada a entrevista estruturada (vide apêndice número um). No tocante às técnicas de análise de dados, na presente pesquisa foi usada a técnica de análise de conteúdo, que de acordo com De Oliveira (2011) citando Bardin (1977) “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo de mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativas às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens”.

De acordo com Cardoso, De Oliveira e Ghelli (2021), citando Bardin (1977), as diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em: a pré-análise; a análise do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A primeira fase possui tres missões: a escolha dos documentos a serem submetidos a análise, a formulação das hipóteses e dos objectivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final. A segunda fase constitui o momento de tratar o material coletado na fase anterior, transformando-o em dados passíveis de serem analisados, através de operações de codificação. Feito isso, é hora de interpretar, ou seja, conceder significação nova a estas características. A interpretação

proposta pelo método de análise de conteúdo consiste em descobrir por detrás do discurso aparente, um sentido não explícito e isso exige grande esforço de interpretação do analista.

3.5. Questões éticas

Na presente pesquisa foram observadas todas as questões éticas, com destaque para a garantia da preservação da privacidade, a confidencialidade e o anonimato dos sujeitos da pesquisa. Segundo Prodanov e Freitas (2013), a ética na pesquisa se refere a uma conjunção de “conduta” e de “pesquisa”, ou seja, “conduta moralmente correta durante uma indagação, à procura de uma resposta para uma pergunta”.

A responsabilidade do pesquisador na investigação é indispensável no processo de suas investigações e de seus produtos. Prodanov e Freitas (2013) ressaltam a questão da honestidade intelectual como um factor indispensável aos pesquisadores e o consentimento livre e esclarecido dos participantes, que é um requisito básico para todos os códigos de ética no mundo.

Na perspectiva de Come (2019) qualquer pesquisadora deve observar os princípios éticos inerentes à sua profissão, sendo a confidencialidade e o termo de consentimento informado, aspectos que caracterizam qualquer tipo de pesquisa no âmbito psicológico. Dessa forma, este estudo tomou em conta os aspectos anteriormente mencionados, garantindo assim o sigilo da identidade dos participantes bem como todos os dados colectados (vide apêndice número dois).

3.6. Limitações do estudo

A pesquisadora reconhece as dificuldades para a obtenção do material literário para a sustentação da ideia, pela pouca disponibilidade de obras que abordam acerca deste assunto, ao nível nacional. Não obstante, há que realçar a dificuldade em encontrar homens vítimas de violência doméstica, que se voluntariassem de modo a expressar suas experiências com abertura.

CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo apresentam-se os dados e sua discussão. Para uma melhor leitura, procede-se a organização em função dos objectivos da pesquisa, que são: identificar os principais desafios que os homens podem enfrentar ao lidar com a violência doméstica; descrever o papel dos valores culturais nas relações interpessoais e na percepção da violência doméstica contra homens; e, apresentar as possibilidades de intervenção em casos de violência doméstica contra homens. Antes de mais, é apresentada a caracterização da amostra.

4.1. Apresentação dos dados sociodemográficos

A amostra constitui-se por quatro homens, utentes do Centro de Atendimento Integrado às Vítimas de Violência de Ndlavela. No que respeita à sua caracterização, observa-se que quanto à idade, situam-se entre os 24 e os 62 anos. Relacionando a morada, pode se verificar participantes provenientes de bairros próximos do CAI, no total de quatro participantes, três residem na Zona Verde, e um em São Dâmaso. Relativamente às habilitações literárias, percebe-se que dos quatro entrevistados, dois possuem habilitações literárias ao nível do ensino secundário e dois surgem associados à formação superior. No tocante à profissão, os entrevistados indicaram profissões distintas, entre professor, técnico tributário e empregados de mesa.

Passa-se a apresentar a análise das entrevistas realizadas compostas por 9 questões, conforme o guião de entrevista (Apêndice I).

4.2. Primeiro objectivo: identificar os principais desafios que os homens podem enfrentar ao lidar com a violência doméstica

O primeiro objectivo desta pesquisa era de identificar os principais desafios que os homens podem enfrentar ao lidar com violência doméstica, a qual se compõe por 3 questões (1ª a 3ª). Assim sendo, como pergunta de partida, a entrevista foi iniciada pelo pedido de partilha relativamente às percepções gerais dos entrevistados sobre violência doméstica, tendo-se feito a seguinte pergunta: pode partilhar sua compreensão geral sobre violência doméstica?

Em resposta, E.1 descreve a violência doméstica como resultante de desentendimentos e falta de diálogo entre as partes envolvidas. Amplia a definição de violência para além da violência física, incluindo insultos e ameaças e destaca ainda a importância do diálogo na prevenção da violência e reconhece que ela pode ocorrer em diversas relações familiares:

“... é fruto de desentendimento entre as partes. Quando há choque entre duas partes,, sem recorrer ao diálogo, ocorre a violência... não é só bater, mas também, insultar, ameaçar.... E não acontece somente entre marido e mulher, há casos de tios e sobrinhos, pais e filhos, entre irmãos também...” - E.1.

Por sua vez E.2 refere-se à violência como um crime, independentemente da vítima e aborda a violência doméstica como um problema social mais amplo, não se limitando apenas às relações familiares:

“é um crime contra quem quer que seja” – E.2.

As experiências pessoais compartilhadas pelos participantes acrescentam uma dimensão emocional à discussão, destacando a importância de considerar as diversas formas de violência ao abordar o problema, conforme explica Saffioti (2015) a expressão violência doméstica costuma ser empregada como sinónimo de violência familiar e não tão raramente também de violência de género, esta, teoricamente, engloba tanto a violência de homens contra as mulheres quanto a de mulheres contra homens.

Foi colocada a seguinte questão: poderia compartilhar um pouco a experiência da violência que sofreu?

Em resposta, E.1 relata ter sido vítima de violência doméstica, mas não buscou ajuda devido à sua abordagem calma e à sua decisão de evitar tornar-se agressivo. A relação acabou devido à agressividade da parceira. E.1 destaca o desafio de reconhecer e buscar ajuda durante um relacionamento abusivo, enfatizando a importância de interromper o ciclo de violência:

“Eu sou uma pessoa muito amena e calma, isso fez com que eu tivesse o protagonismo de sofredor, eu me submeti a essas agressões, até que a relação acabou, porque ela era muito agressiva mesmo, ela qualquer coisa que acontecia ela estragava todo o quarto, batia a porta, mas com o tempo entendi que já não dava, eu não podia estar sempre com feridas porque alguém quando decide que está com ciúmes quer me agredir” – E.1.

Por sua vez, E.2, destacou a violência psicológica que sofreu numa relação extraconjugal:

“... o que aconteceu, é que eu tive uma amante, vivemos um romance, e chegou um momento que esse romance tinha que terminar, então, quando terminamos este romance, criou esse mal estar para mim, ela prefere atingir a mim ligando para minha esposa falar uma série de coisas, injúrias...” – E.2.

E.4 vivenciou violência verbal e física em seu relacionamento anterior, optando por se separar.

“Eu já vivi, levei chapadas, era apedrejado verbalmente, foi uma experiência que não desejo para ninguém...” – E.4.

Globalmente, as respostas revelam a existência de violência doméstica contra homens, evidenciando diferentes formas de abuso, incluindo violência verbal e física. Em conformidade com Hines e Douglas (2010) citados por Antunes (2022), a violência não é uma questão de gênero, mas uma questão humana de forma que a violência exercida pelas mulheres não pode ser ignorada. As histórias destacam a importância de buscar ajuda para interromper ciclos de violência e a necessidade de conscientização sobre a prevalência da violência contra homens.

De seguida, os entrevistados foram solicitados de modo a partilharem suas opiniões sobre as barreiras que os homens enfrentam em situação de violência doméstica, tendo sido colocada a questão: quais são as barreiras que impedem os homens de denunciar ou buscar ajuda em casos de violência doméstica?

Em resposta, E.1 identifica barreiras ideológicas como principal obstáculo para os homens denunciarem ou buscarem ajuda em casos de violência doméstica e destaca a pressão social e estereótipos de gênero que desencorajam os homens a admitirem ser vítimas de agressão e aponta ainda para a persistência de visões machistas que consideram inaceitável um homem ser agredido por uma mulher, contribuindo para o silêncio dos homens diante da violência doméstica:

“... são ideológicas. Não há nenhuma coisa física que diz que o homem não pode... Ainda estamos trancados naquele quadrado que diz que o homem é aquele ser valente, aquele que tudo pode fazer... ainda continuamos com essa visão machista, de que o homem não pode ser agredido por uma mulher. O homem é aquele ser que é o pilar da família, então, se o pilar da família pode ser abalado pelas outras partes, então, quer dizer que essa família não é forte, então, acabam engolindo violência só para aparentar que são homens para outros homens” – E.1.

E.4 destaca a reação negativa das autoridades como uma barreira significativa, enfatizando que os homens podem ser ridicularizados quando denunciam violência. Menciona o desgaste emocional como um factor que leva alguns homens a reagirem de maneiras não saudáveis e

salienta a importância de uma abordagem respeitosa e não julgadora por parte das autoridades para encorajar os homens a denunciarem casos de violência doméstica:

“... quando você vai às autoridades, eles dizem: como você sofreu violência doméstica com uma mulher? E quando você chega ali e encontra que é um grupo de agentes, você fica como se não fosse homem, e os outros optam em voltar para casa para mostrar que realmente é homem, e entram em conflito, acabam dando porrada também, porque há pessoas que ficam desgastadas...” – E.4.

A estigmatização associada à masculinidade tradicional e as reações negativas das autoridades emergem como barreiras significativas que precisam ser superadas para criar um ambiente mais propício à denúncia e ao apoio. Na visão de Gimenez e Hahn (2018) citando Shaffioti (2015) o patriarcado é uma estrutura de dominação masculina que perpassa toda a sociedade, de natureza hierárquica e que se afirma social e culturalmente, naturalizando dessa maneira a violência. O sistema patriarcal traz em si uma contradição de interesses. Os homens têm interesse de manter o status enquanto as mulheres têm interesses pela igualdade social.

4.3. Segundo objectivo: descrever o papel dos valores culturais nas relações interpessoais e na percepção da violência doméstica contra homens

Relativamente ao segundo objectivo do estudo que era de descrever o papel dos valores culturais nas relações interpessoais e na percepção da violência doméstica contra homens, se compõe por 4 questões (4^a a 7^a). Deste modo, os entrevistados foram questionados: em sua cultura, quais são as expectativas tradicionais em relação ao papel do homem na família e na sociedade?

Em resposta, E.1 descreve as expectativas tradicionais em relação ao papel do homem na família e sociedade. Ilustra a importância da imagem do homem como forte, firme e confiável, destacando que a violência compromete essa expectativa e indica que a cultura valoriza a imagem do homem como um provedor forte e confiável. Menciona a necessidade de manter uma imagem que esteja alinhada com as expectativas tradicionais da família:

“A família na verdade espera ver aquele homem forte, firme, que transmite confiança, então, se esse homem forte, firme que transmite confiança sofre violência, toda

aquela que era a expectativa da família acaba caindo por terra, pois, eles esperavam ver no homem algo que já foi idealizado.” –E.1.

E.3 enfatiza o papel de liderança do homem na família, destacando a importância de ser um protetor e um bom exemplo e reflete a ideia tradicional de que os homens devem desempenhar o papel de líderes na família, protegendo e servindo como modelos a serem seguidos:

*“Liderança. O homem deve liderar. Um protetor, e um bom exemplo para a família.”
– E.3.*

E.4 descreve o homem como o pilar da casa e destaca a importância de ser um exemplo positivo para a família e indica que a sociedade espera que os homens sejam fundamentais para a família, desempenhando o papel de um exemplo positivo que reflete na dignidade da família:

“O homem em primeiro lugar é o pilar da casa. Um homem deve ser espelho para sua família.” – E.4.

Globalmente, as respostas mostram que as expectativas tradicionais em relação ao papel do homem na família e sociedade incluem características como força, liderança, respeito e ausência de comportamentos prejudiciais. Há uma ênfase na imagem positiva do homem como provedor e modelo a ser seguido na comunidade, uma vez que com base em Saffioti (2015) citado por Nicolodi e Heinziker (2021) as mulheres são educadas para desenvolver comportamentos apaziguadores, ao contrário dos homens que são estimulados a desenvolver condutas agressivas, que revelem força e coragem. Aos homens, sempre lhes coube prover as necessidades materiais da família.

Os entrevistados foram também questionados a respeito da percepção da cultura sobre a violência doméstica contra homens, tendo-se feito a seguinte pergunta: como a violência doméstica contra homens é percebida na sua cultura ou comunidade?

Em resposta, E.1 descreve a percepção da violência doméstica contra homens como algo normal e destaca a pressão social para pertencer a um grupo. Menciona o receio de zombarias ao denunciar casos de violência doméstica e indica a existência de normas sociais que desencorajam os homens a denunciarem a violência doméstica, ressaltando a necessidade de pertencimento a grupos e o estigma associado à revelação de tal situação:

“...é algo normal, acontece. Querer pertencer a um determinado grupo é uma das coisas que faz com que os homens esqueçam a violência que sofrem. Eu não posso chegar aí e dizer minha mulher me bateu, isso no meio do grupo...” – E.1.

E.3 aborda a existência de tabus e o medo de denunciar devido à pressão social e à percepção de liderança comprometida. Destaca a preocupação com a posição social do homem e o estigma associado à revelação de casos de violência doméstica e indica que o medo de ser percebido como fraco ou incapaz, especialmente em posições de liderança, impede que os homens denunciem casos de violência doméstica, destacando a importância da imagem social:

“... o problema não é a esposa bater ou não, o problema é a posição social, então, por isso que há esse medo de denunciar, porque já aprendemos dessa forma, que o homem é expoente máximo, então, sempre que o homem vai a denunciar, a sociedade condena olha como incapaz, já não tem capacidade o homem, olham fraqueza porque parece que a masculinidade do homem foi colocada já em questão” – E.3.

Globalmente, as respostas indicam que a percepção da violência doméstica contra homens na cultura ou comunidade varia, sendo muitas vezes influenciada por normas sociais, estigmas e estereótipos associados à masculinidade. A vergonha e o medo de julgamento social emergem como factores significativos que contribuem para o silêncio masculino em relação a esses casos, tal como explica Saffioti (2015) o patriarcado designa uma estrutura de poder que reflete a ideologia machista, a qual favorece a dominação-exploração exercida pelos homens sobre as mulheres que prima pela desigualdade e assimetria de poder entre os géneros. O poder é desigual sempre que uma das partes pode alterar as condições de vida da outra, de modo que essa alteração produza benefícios para uma das partes e prejuízos para a outra.

A questão que se seguiu foi: as expectativas tradicionais em relação ao papel do homem na família e na sociedade podem influenciar a disposição dos homens em denunciar ou falar sobre a violência doméstica que sofrem? Como?

Em resposta, E.2 afirma que não é normal um homem falar sobre sofrer violência, sugerindo que a sociedade desencoraja a discussão aberta sobre essa questão e reflecte a norma social que desencoraja os homens de admitirem publicamente que estão sofrendo violência, contribuindo para o silêncio em torno desse problema:

“Nunca vai dizer que sofre violência assim do nada, não é normal o homem falar disso...” – E.2.

E.4 sugere que buscar ajuda ao invés de retaliar é um sinal de educação, mas ressalta que a sociedade precisa confiar nas autoridades para buscar socorro e destaca a importância da confiança nas autoridades para incentivar os homens a buscar ajuda, indicando que a relação entre a sociedade e as autoridades é crucial para abordar a violência doméstica:

“... se o homem sai de casa depois de sofrer uma violência por parte dos filhos ou da própria esposa dentro de casa, o que é que acontece, ele vai e busca ajuda, isso, mostra uma certa educação... busco ajuda porque as autoridades obviamente estão ali para nos ajudar... a autoridade em geral, deve ser amigo da sociedade, porque é lá onde qualquer coisa que acontece conosco vamos pedir socorro, e eles trabalham para nós, são a nossa segurança...” – E.4.

Os entrevistados, foram também questionados: você acredita que certas normas culturais podem perpetuar a ideia de que os homens não podem ser vítimas de violência doméstica? De que forma?

Em resposta, E.1 argumenta que o preconceito em relação à ideia de que os homens não podem sofrer violência contribui para o silêncio em torno do tema. A pressão para se conformar às expectativas sociais dos homens pode levar à não denúncia da violência sofrida e destaca como as normas culturais e a busca por prestígio na sociedade masculina podem desencorajar os homens a denunciarem a violência que sofrem, criando um ciclo de silêncio:

“Já se tem o preconceito de o homem sofrer violência. O homem acaba não denunciando a violência que sofre porque ele sabe que estará se auto-excluindo da sociedade dos homens. O que está em jogo é o que devia ser e o prestígio, as pessoas preferem sofrer, mas a ficarem com prestígio, o facto de ele querer pertencer a essa masculinidade já não se preocupa com o que ele é, se preocupa com o que o outro vai pensar dele, então, ele acaba esquecendo que aquilo é violência” – E.1.

E.3 aponta que a educação que ensina aos homens que não devem demonstrar fraqueza contribui para a relutância em denunciar a violência doméstica e sugere que as normas culturais que associam a força e a resistência à masculinidade podem inibir os homens de admitirem que estão sendo vítimas de violência:

“... o homem foi educado que como sendo homem não pode demonstrar fraqueza, então, não pode denunciar se sua esposa lhe agredir” – E.3.

E.4 relata um caso pessoal em que a falta de denúncia contribuiu para a continuidade da violência doméstica. Destaca como a pressão cultural pode influenciar a relutância em buscar ajuda e indica como as normas culturais podem perpetuar a violência, pois a falta de denúncia pode ser interpretada como aceitação da situação, permitindo que o ciclo continue:

“... eu não fui pedir ajuda, então, se eu sofro uma violência, então, melhor eu continuar assim mesmo. Que nem o meu vizinho, caso daquele senhor que eu falei, ele sofria e não ia às autoridades, ia ter com a família, ia lá e depois voltava, e aquilo aí não parava, e chegou hora dos dois se separarem” – E.4.

Globalmente, destaca-se como as normas culturais e a busca por prestígio na sociedade masculina podem desencorajar os homens a denunciarem a violência que sofrem, criando um ciclo de silêncio.

4.4. Terceiro objectivo: apresentar as possibilidades de intervenção em casos de violência doméstica contra homens

No que respeita ao último objectivo desta pesquisa que era apresentar as possibilidades de intervenção em casos de violência doméstica contra homens, composta por 2 questões (8ª a 9ª). Dessa forma, fez-se a seguinte pergunta: quais são, na sua opinião, as acções necessárias para melhorar a resposta da sociedade e das autoridades a essa questão?

Em resposta, E.1 enfatiza a necessidade de eliminar a ridicularização e sugere a necessidade de equipar as instituições com recursos humanos especializados que entendam a dinâmica familiar, destacando a importância de profissionais com formação psicológica para abordar essas questões com sensibilidade e confidencialidade:

“Não há espaço para ridicularizar um homem que acaba de sofrer violência doméstica só porque a sociedade não copactua com isso... equipar essas instituições, estou a falar de recursos humanos, com pessoas que entendam a dicotomia familiar. A pessoa que fez formação de polícia vai te atender como polícia, mas, a pessoa que fez uma formação psicológica vai te tratar de uma forma diferente. Algumas instituições não querem ouvir isso, só querem ouvir a parte para depois notificar. Acho que antes de notificarem, deviam passar por um especialista para não ferir a

sensibilidade da pessoa, porque ao ferir a sensibilidade da pessoa, não virá das próximas vezes. Deviam tratar assuntos com confidencialidade também, pois, em algumas esquadras, quando uma pessoa chega, é obrigada a falar o que aconteceu para 10 ou 4 agentes e depois só percebe um a sair e outro a sair, então, vão sentar num sítio e começam já a lançar chacotas. A confidencialidade é um dos pontos” – E.1.

E.3 destaca a necessidade de mais palestras para informar sobre direitos e mudar a percepção em relação à violência contra homens. Propõe uma mudança na abordagem das instituições para priorizar casos de violência contra homens:

“... deve haver mais palestras, porque há quem tem direitos mas desconhece, então, a falta de informação, é que cria esses tipos de situações de as pessoas não denunciarem, porque, ademais, acho que antigamente as instituições eram de vítimas de violência a mulher e criança, não estava lá incluindo o homem, então, as instituições também devem mudar a forma de ver os assuntos, também deve ter prioridade quando se trata de violência contra homens, acredito que se os homens não denunciam é porque desconhecem os seus direitos” – E.3.

Por último, E.4 enfatiza a importância da conscientização e destaca a necessidade de os profissionais mostrarem o resultado de seus estudos na prática:

“Acredito que a conscientização é muito importante, consciencializarem os homens, não só os homens, até às mulheres porque violência é violência. Consciencializarem os serem humanos de que se sofrer uma violência tem que ir pedir ajuda, e os agentes preparados para esse tipo de caso, eles que estudaram, devem mostrar aquilo que estudaram...” – E.4.

Relativamente às acções necessárias para melhorar a resposta da sociedade e das autoridades no tocante à violência doméstica contra homens, os entrevistados propõem campanhas de conscientização, estratégias de promoção do diálogo e da educação, incentivam a participação activa dos homens em iniciativas de conscientização, e sugerem ainda a necessidade de equipar as instituições com recursos humanos especializados que entendam a dinâmica familiar.

Por fim, os entrevistados foram questionados: como poderíamos aumentar a conscientização sobre a violência doméstica contra homens sem desrespeitar os valores culturais?

Em resposta, E.2 e E.3 sugeriram a realização de palestras para fazer as pessoas entenderem que os homens também sofrem violência doméstica. Enfatizaram a importância do diálogo e de mostrar que abrir-se sobre o assunto não retira a masculinidade de ninguém.:

“Fazendo palestras, falando com as pessoas, fazendo entender que o homem também sofre violência doméstica e que se abrindo não vai lhe tirar a masculinidade, não deixa de ser homem, deve procurar ajuda, fazer perceber que ele tem direito de se abrir, e ao se abrir, não quer dizer que ele deixa de ser homem” – E.2.

E.3 acrescenta ainda que há necessidade de mostrar que denunciar é correto e não deve ser motivo de vergonha:

“Então, tens que denunciar, não tenha medo de dizer o que está a acontecer, dizer que isso não, é errado” – E.3.

E.4 por sua vez compara a introdução de novas ideias pela cultura europeia, como a rejeição da pedofilia. Sugerindo que, da mesma forma, poderiam adoptar uma nova mentalidade em relação à violência doméstica contra homens, sem ferir valores culturais, pois seria para o bem da sociedade:

“Okay, tem uma cultura, em que existem homens que casam com crianças, são hábitos e costumes, é a tradição, mas aquilo ali para um ser humano normal hoje em dia, por causa dos europeus, porque os europeus nos trouxeram isso, estão a nos desviar, mas eles olharam aquilo como violência, vamos lá, é pedofilia, e pedofilia é crime, é violência, estão a violentar crianças, aquilo ali é violação. Então, do mesmo jeito que os europeus nos trouxeram essa informação, nos abriram a vista, sem ferir ninguém poderíamos usar essa forma, porque acredito que todos nós temos que saber, o que é errado e errado, o que é certo é certo. E estaríamos a fazer o bem. E acredito que uma pessoa que quer receber o bem, não vai se sentir ofendido por isso” – E.4.

CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1. Conclusões

No presente estudo, procurou-se analisar a influência dos valores culturais na busca pelo atendimento integrado pelo homem vítima de violência doméstica no CAI às Vítimas de Violência de Ndlavela.

Foi possível identificar os principais desafios que os homens enfrentam ao lidar com a violência doméstica, uma vez que os relatos indicam que a violência doméstica contra homens muitas vezes não é denunciada devido ao medo de estigma, ridicularização e exclusão social. Homens hesitam em buscar ajuda, mesmo quando sofrem abuso. O preconceito e a falta de compreensão sobre essa realidade resultam em respostas inadequadas.

No tocante ao papel dos valores culturais nas relações interpessoais e na percepção da violência doméstica, constatou-se que existe uma percepção arraigada de que os homens não devem ser vítimas de violência doméstica, reforçada por normas culturais que associam a masculinidade à força e à ausência de vulnerabilidade

Relativamente às possibilidades de intervenção em casos de violência doméstica contra homens, a promoção do diálogo e a conscientização emergiram como estratégias cruciais para abordar a violência doméstica contra homens. A necessidade de desconstruir estereótipos de gênero e garantir que homens se sintam à vontade para buscar ajuda são pontos fundamentais. A confidencialidade nas instituições de apoio é destacada como vital.

5.2. Recomendações

A sociedade precisa reconhecer que os homens também podem ser vítimas de violência doméstica e que buscar ajuda não é uma demonstração de fraqueza, mas sim um passo corajoso. Para o efeito, sugere-se o desenvolvimento de programas de sensibilização nas comunidades para promover a compreensão de que a violência doméstica afecta homens também, destacando a importância do diálogo, desconstruindo estereótipos de gênero que desencorajam os homens a relatar violência, com base em parcerias com líderes comunitários e organizações religiosas para integrar a temática da violência doméstica contra homens em programas comunitários.

As campanhas contínuas nos meios de comunicação são fundamentais para manter a conscientização sobre a violência doméstica contra homens, destacando histórias de superação e a importância de buscar ajuda, de modo a desafiar estigmas culturais.

Recomenda-se ainda, capacitações contínuas aos profissionais de saúde mental, assistentes sociais e agentes de segurança para lidar com casos de violência doméstica contra homens de maneira sensível, sem preconceitos, fornecendo conhecimento sobre as dinâmicas específicas desse tipo de violência.

Sessões de psicoeducação são essenciais para explicar as dinâmicas da violência doméstica, ajudando os homens a reconhecerem os diferentes tipos de abuso e esclarecer sobre seus direitos e opções para buscar ajuda, promovendo a ideia de que denunciar não diminui sua masculinidade. Estabelecer grupos de apoio psicológico, onde homens possam compartilhar experiências, expressar emoções e aprender estratégias para lidar com o impacto psicológico da violência.

Referências bibliográficas

- Antunes, D. H. C. (2022). *Violência doméstica contra homens: perspectivas de vítimas e técnicos*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Instituto de Serviço Social: Lisboa.
- Araújo, J. E. S. B. (2012). *Valores culturais, orientações políticas e classes sociais: consequências nos valores de trabalho*. [Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia de Trabalho pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]: Lisboa.
- Cabral, M. L. I. M. (2018). *A Psicologia Clínica nos Cuidados de Saúde Primários*. [Relatório de estágio para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e de Aconselhamento]. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa.
- Cardoso, M. R. G., De Oliveira, G. S & Ghelli, K. G. M. (2021). *Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa*. *Cadernos da Fucamp*, v.20, n.43, p.98-111.
- Coelho, E. B. S., Silva, A. C. L. G & Lindner, S. R. (2014). *Violência: definições e tipologias*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- Come, T. J. C. (2019). *Violência doméstica contra mulheres: percepções e emoções sobre o funcionamento do sistema familiar*. [Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Terapia Familiar e Comunitária]. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.
- Come, W. E. M. (2017). *Impacto dos valores culturais na gestão de organizações empresariais e sociais*. [Projecto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Gestão de Empresas]. Instituto Universitário de Lisboa: Lisboa
- De Almeida, C. D. (2008). *Violência doméstica. Que políticas? O impacto das políticas sociais no combate a violência doméstica no Concelho de Montemor-o-Velho*. [Dissertação de Mestrado em Sociologia, área de especialização em Políticas Locais e Descentralização: As Novas Áreas do Social, apresentada a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra].
- De Oliveira, M. F. (2011). *Metodologia científica: Um manual para a realização de pesquisas em Administração*.
- Dotoli, F. S. C & Leão, A. M. C. (2015). *Violencia doméstica contra o homem: do agressor ao agredido*. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 10.

- Gerhardt, T. E & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6ª Edição. São Paulo: Atlas.
- Gimenez, C. P & Hahn, N. B. (2018). *A cultura patriarcal, violência de gênero e a consciência de novos direitos: Um olhar a partir do direito fraterno*. Revista Paradigma. Vol. 27, nº 2.
- Gomes, L. B., Bolze, S. A., Bueno, R. K & Crepaldi, M. A. (2014). *As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo*. Pensando Famílias, 18 (2), dez, (3-16).
- Maúgue, H. B. (2020). *Mulher moçambicana: cultura, tradição e questões de gênero na feminização do HIV/SIDA*. Revista Estudos Feminista. Florianópolis, v. 28, n. 1, e68328.
- Marconi, M. A & Lakatos, E. M. (2005). *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5ª Edição. São Paulo: Atlas.
- Mataruca, F. (2011). *Importância dos valores culturais no desenvolvimento das Forças de Armadas de Moçambique*. IUM.
- Minayo (2005). *Violência intrafamiliar*. Revista Brasileira de Educação Médica. Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, jan/abr.
- Monteiro, F.S. (2012). *O papel do psicólogo no atendimento às vítimas e autores de violência doméstica*. Monografia para conclusão do curso de Bacharelado em Psicologia. Brasília: Centro Universitário de Brasília.
- Moré, C. L. O & krenkel, S. (2014). *Violência no contexto familiar: atenção a homens e mulheres em situação de violência por parceiros íntimos*. Universidade de Santa Catarina. Florianópolis.
- Neto, F. (2002). *Psicologia Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Nicolodi, L. G & Heinziker, M. H. (2021). *O Patriarcado sob a óptica analítico-comportamental: considerações iniciais*. Revista Brasileira de Análise de Comportamento. Vol. 17, nº 2.
- N'weti. (2006). *Revisão da literatura sobre violência doméstica contra mulheres*. Versão final.

Pradanov, C. C., & Freitas, E.C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa do trabalho acadêmico*. 2ª Edição: Feevale.

Procuradoria Geral da República. (2017). *Informação Anual do Procurador-Geral a Assembleia da República*. República de Moçambique.

Romão, F. P., Micó, P., Fiosse, S., Mahoque, R & Antunes, E. (2012). *Manual para atendimento integrado às vítimas de violência doméstica*. Ministério da Saúde. Direção Nacional de Assistência Médica.

Saffioti, H. (2015). *Género Patriarcado Violência*. 2ª Edição. *Expressão Popular*

Apêndices

APÊNDICE I: GUIÃO DE ENTREVISTA



FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

LICENCIATURA EM PSICOLOGIA SOCIAL E COMUNITÁRIA

GUIÃO DE ENTREVISTA

Respondo pelo nome de Edna Cesarina Alimone Mahagaja, estudante da Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Educação, encontro-me a fazer a monografia para a conclusão do curso de licenciatura em Psicologia Social e Comunitária, com o tema, “Análise da Influência dos Valores Culturais na busca pelo Atendimento Integrado pelo Homem Vítima de Violência Doméstica”, que será possível através da sua colaboração respondendo as perguntas, sendo que as respostas dadas serão apenas para a elaboração deste trabalho. Garante-se o anonimato e a confidencialidade (todos e quaisquer dados de identificação não serão revelados em qualquer circunstância) das suas opiniões e respostas. Agradeço antecipadamente pela atenção e colaboração.

I

Identificação do sujeito

Nome:

Idade:

Residência:

Nível de escolaridade:

Ocupação:

II

1. Pode partilhar sua compreensão geral sobre a violência doméstica?
2. Poderia partilhar um pouco a experiência da violência que sofreu?
3. Quais são as barreiras que impedem os homens de denunciar ou buscar ajuda em casos de violência doméstica?
4. Em sua cultura, quais são as expectativas tradicionais em relação ao papel do homem na família e na sociedade?
5. Como a violência doméstica contra homens é percebida em sua cultura ou comunidade?

6. As expectativas tradicionais em relação ao papel do homem na família e na sociedade podem influenciar a disposição dos homens em denunciar ou falar sobre a violência doméstica que sofrem? Como?
7. Você acredita que certas normas culturais podem perpetuar a ideia de que os homens não podem ser vítimas de violência doméstica? De que forma?
8. Quais são, na sua opinião, as acções necessárias para melhorar a resposta da sociedade e das autoridades a essa questão?
9. Como poderíamos aumentar a conscientização sobre a violência doméstica contra homens sem desrespeitar os valores culturais?

APÊNDICE II: TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Análise da Influência dos Valores Culturais na busca pelo Atendimento Integrado pelo Homem Vítima de Violência Doméstica no CAIVV de Ndlavela

Foi convidado (a) a participar num estudo de investigação científica conduzido por Edna Cesarina Alimone Mahagaja, do âmbito do projecto de investigação: Análise da Influência dos Valores Culturais na busca pelo Atendimento Integrado pelo Homem Vítima de Violência Doméstica no CAIVV de Ndlavela. A sua participação é voluntária. Leia por favor a informação em baixo para decidir se irá participar ou não na sessão.

Se concordar, pede-se que assine no final.

Objectivo do estudo

O objectivo do estudo é analisar a Influência dos Valores Culturais na busca pelo Atendimento Integrado pelo Homem Vítima de Violência Doméstica no CAIVV de Ndlevela. A informação recolhida será usada para elaborar a monografia para a conclusão do curso de licenciatura em Psicologia Social e Comunitária (PSC) pelo Departamento de Psicologia da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Eduardo Mondlane (UEM).

Benefícios potenciais do estudo

Analisar como os Valores Culturais podem criar barreiras para a denúncia e tratamento da violência doméstica contra homens é fundamental não só para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção mais eficazes às necessidades de todos os indivíduos afectados, bem como para a formulação de políticas públicas mais inclusivas e abrangentes, que levem em consideração as experiências variadas das vítimas e as complexidades culturais, garantindo o respeito pelos direitos humanos de todos os indivíduos.

Procedimentos

Se quiser ser voluntário (a) no estudo, será convidado (a) a discutir as suas ideias e opiniões sobre a intersecção entre os valores culturais e violência doméstica contra homens. As suas ideias serão gravadas e serão tomadas notas escritas. As gravações serão utilizadas apenas para efeitos de análise das opiniões dos participantes e servirão apenas como material informativo sem referência às respostas de qualquer pessoa específica.

Tratamento de dados

O tratamento dos dados obtidos garante o anonimato dos participantes, nunca sendo feito qualquer tipo de uso que possa revelar a identidade dos participantes. Nenhum dado será tomado público sem prévio consentimento dos interessados.

Confidencialidade

Qualquer informação obtida no âmbito do presente estudo que o possa identificar será confidencial e não será divulgada sem a sua prévia permissão.

Eliminação de dados pessoais

No final do projecto, todos os dados pessoais dos participantes serão eliminados.

Recusa em participar

É inteiramente livre de participar ou não neste estudo. Se se voluntariar para participar no estudo, é livre de se retirar a qualquer momento sem consequências de qualquer tipo. Também é livre de recusar responder a qualquer pergunta ou de participar numa actividade específica

Riscos potenciais

O estudo não envolve qualquer risco potencial, quer sejam sociais, legais ou financeiros.

Identificação da investigadora

Se tiver qualquer questão ou apreensão com este estudo, poderá contactar:

- Edna Cesarina Alimone Mahagaja, estudante do curso de licenciatura em Psicologia Social e Comunitária (PSC) pelo Departamento de Psicologia da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Eduardo Mondlane (UEM), através do email mahagajae@gmail.com, ou ainda, pelo número 872915393.

Compreendo os procedimentos acima descritos. As minhas questões foram respondidas de forma satisfatória e concordo em participar neste estudo. Foi-me dada uma cópia deste protocolo.

Assinatura
